

# TUPI-GUARANI: FONTE DE INFORMAÇÕES SOBRE BAMBUS NATIVOS DO BRASIL

**Tarciso S. Filgueiras**

Reserva Ecológica do IBGE, C. P. 08770,  
Brasília, DF 70312-970. tfilg@uol.com.br

**Ana Paula Santos-Gonçalves**

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná,  
Campus CEDETEG. Depto. de Ciências Biológicas.  
Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03, Bairro Cascavel,  
85040-080, Guarapuava, PR.

the Brazilian grass flora.

Key-words: Common names, Ethnobotany, Native  
bamboos, Poaceae, Bambusoideae

## INTRODUÇÃO

*Tupi* é o nome geral que os lingüistas dão ao conjunto de dialetos falados pelos nativos da costa do atual território brasileiro quando os portugueses aqui aportaram em 1500. Estes dialetos históricos constituíam uma *língua franca* e são chamados de tupi antigo. O tupi conviveu com o português durante muito tempo. O aventureiro alemão Hans Staden, que visitou no Brasil em torno do ano 1550, relatou que os cinco filhos do português Diogo de Braga com uma “mulher brasileira” (índia Tupiniquim) eram fluentes tanto no português quanto no tupi (Staden, 2008). Como resultado dos contatos entre nativos e colonizadores, especialmente religiosos e comerciantes de todo naípe, dentre eles missionários jesuítas, bandeirantes e mamelucos, o tupi antigo evoluiu e modificou-se para atender aos novos grupos falantes, originando o dialeto *Nheengatu* (Bueno, 1982). O termo quer dizer “língua boa”, “falar bem”, em tupi, porém, nunca foi falado por qualquer tribo não aculturada, mas, durante muito tempo, foi a língua mais falada em toda a Colônia. O tupi moderno é falado por caboclos amazonenses e algumas tribos isoladas (como Urubu, Tembê, Apiacá, Oiapi etc.).

O *guarani* é uma língua independente do tupi, embora ambas tenham se originado de um tronco comum, o velho tupi-guarani. Como o tupi, o guarani reúne um conjunto de dialetos falados em toda a América do Sul, por isto é caracterizado por variados matizes regionais. É atualmente muito mais falado que o tupi, sendo, inclusive, uma das línguas oficiais no Paraguai, falada, principalmente, pelas camadas populares. Deve-se enfatizar que nem o tupi se originou do guarani nem o guarani do tupi. Já o tupi-guarani não é uma língua, no sentido restrito. A expressão refere-se ao tronco étnico a que a língua pertence, assim como o indo-europeu, o frígio-armênio etc. (Tibiriçá, 1984).

**RESUMO** - Tabocas e taquaras são membros da subfamília Bambusoideae (Poaceae) caracterizadas por colmos lignificados que, no estágio jovem, são revestidas por folhas especiais, além de ramificações complexas e floração gregária. Existem no português do Brasil, inúmeros nomes populares que designam estas plantas, todos originados do tupi-guarani. Este fato instigou os autores a investigar a origem desses nomes em dicionários e obras especializadas. Foram encontrados 34 nomes cuja origem remonta a este tronco lingüístico. O mero significado desses nomes revela uma gama de informações sobre as tabocas e taquaras que, seguramente, enriquecem o conhecimento sobre estes importantes componentes da flora agrostológica brasileira.

Palavras-chave: Nomes populares, Etnobotânica, Tabocas, Taquaras, Poaceae, Bambusoideae.

## TUPY-GUARANY AS INFORMATION SOURCES ABOUT NATIVE BRAZILIAN BAMBOOS

**ABSTRACT** - Tabocas and taquaras are common names used in Portuguese to designate certain woody members of the Bambusoideae (Poaceae) in Brazil. They are characterized by having woody culms that, in their juvenile stages, are covered by specialized leaves, a complex ramification pattern and gregarious flowering. The abundance of those common names used in Brazil spurred the present authors to investigate their origins in dictionaries and other specialized sources. Thirty four names were found that designate tabocas and taquaras and their origins were investigated. The meanings of the words in Tupy-Guarany contain a wealth of information about those plants that certainly enrich the knowledge of these important components of

Como botânicos estudiosos das tabocas e taquaras brasileiras, os autores deste trabalho sempre ficaram intrigados com o grande número de plantas denominadas com termos de origem tupi-guarani. Às vezes estes nomes aparecem sozinhos (p.ex. *pitinga*, *taquari*), às vezes em combinação (p.ex. *taquarabi*, *taquarîtê-nobau*). Isto nos levou a investigar dicionários, vocabulários e também a literatura botânica especializada (floras e revisões taxonômicas) a procura de informações lingüísticas e etnobotânicas sobre esse conjunto de plantas. O resultado dessa investigação, embora certamente não exaustivo, acrescenta algumas informações úteis e curiosas ao estudo das tabocas e taquaras do Brasil.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para este estudo, foram consultados os dicionários mais conhecidos no Brasil, o popular “Aurélio” (Ferreira, 1999) e o Dicionário Houaiss (Houaiss & Villar, 2001), como também dicionários da língua tupi (Martius, 1867; Barbosa, 1967; Bueno, 1982; Tibiriçá, 1984), de etimologia (Bueno 1964, Machado 1973, Cunha, 1986), floras regionais (p. ex. Smith *et al.* 1982) e outros textos botânicos especializados (p. ex. Burman & Filgueiras, 1993; Filgueiras & Santos-Gonçalves, 2004, dentre outros), com o objetivo de listar nomes e descobrir o significado dos termos de origem tupi-guarani para as tabocas e taquaras.

Tabocas e taquaras são membros da subfamília *Bambusoideae*, que pertence à família botânica das Poaceae ou Gramineae. Elas se caracterizam pelo corpo vegetativo (colmo) formado por nós e entrenós bem demarcados, lignificados, revestidos, em seu estágio jovem, por folhas especializadas (denominadas folhas do colmo) e um padrão complexo de ramificação nos nós do colmo. As folhas das ramificações são morfológica e anatomicamente distintas das folhas do colmo. Em geral, as tabocas e taquaras florescem gregariamente, produzindo grande número de sementes e, em seguida, morrem (Janzen, 1976, Filgueiras, 1988). A geração seguinte de plantas se forma a partir das sementes produzidas pela população que floresceu.

Os autores fizeram um esforço especial para relacionar os nomes tupi-guaranis dados às plantas com alguma(s) espécie(s) conhecida(s)

da flora brasileira. Isto nem sempre foi fácil, pois as informações lingüísticas são, freqüentemente, imprecisas e certas características mencionadas não são realmente diagnósticas, ao contrário, podem ser encontradas em espécies distintas. A experiência dos autores em trabalhos anteriores sobre a flora bambusóide do Brasil foi decisiva para se fazer tais associações. Quando foi encontrada mais de uma interpretação para o significado de certo nome, as opiniões divergentes são registradas. Os autores deste trabalho procuraram deixar claras suas opiniões sobre assuntos controvertidos entre lingüistas. Quando não foi possível ter certeza se determinado vocábulo é de origem tupi ou guarani, optou-se por usar a expressão tupi-guarani, isto é, a língua-mãe desses dois grupos dialetais. Os nomes são apresentados em ordem alfabética.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 34 nomes de origem tupi-guarani que se referem a tabocas e taquaras. Os nomes são os seguintes:

**Cambajuva** – Origem do tupi, porém, a etimologia é desconhecida. Nome popular para *Aulonemia ulei* (Hack.) McClure & L. B. Sm., taquarinha de porte médio, encontrada em matas nebulares e campos turfosos de altitude, no sul do Brasil (Smith *et al.* 1981).

**Cambaúba** - Origem do tupi, de etimologia desconhecida, porém, “uubá” designa um bambu fino, do qual os índios faziam flechas (Tibiriçá, 1984). Nome popular para *Actinocladum verticillatum* (Nees) McClure ex Soderstr. (Soderstrom, 1981, Filgueiras, 1988, Filgueiras & Pereira, 1988) encontrada em vários estados do centro-oeste e também no Amazonas. Seus colmos finos e medulosos eram usados para confecção de flechas e chuços. Até hoje são comercializados para preparação de churrasco em feiras-livres e carrinhos transportados por vendedores ambulantes.

**Cambaúva** – Variação fonética de *cambaúba* (q.v.).

**Cará** – Designação comum para diversas plantas da família das Dioscoreaceas, na maioria trepadeiras, com folhas cordiformes, que produzem tubérculos comestíveis. Também usada para designar muitas espécies de tabocas e taquaras nativas, especialmente no sul do Brasil. São botanicamente

classificadas no gênero *Chusquea* Kunth. A palavra é derivada do tupi *ká+ra* (cascudo, escamoso) e encerra a idéia de animais com a pele áspera, como a de certos peixes cascudos. A aplicação do nome para espécies de taquaras nativas, provavelmente, deve-se ao fato de estas plantas apresentarem a superfície do colmo áspera ou com rugosidade acentuada.

**Criciúma** – Palavra provavelmente de origem tupi. Designa tabocas e taquaras de porte pequeno a médio, com colmo escandente ou trepador, que ocorrem em grandes formações naturais, formando, às vezes, renques impenetráveis. Botanicamente, são classificadas em diversos gêneros, tais como *Aulonemia* Goudot e *Chusquea* Kunth. As variações “quixiúme” e “quixiúna” são registradas por Houaiss & Villar (2001).

**Gurixima** – Para Houaiss & Villar (2001) este vocábulo tem origem obscura. Porém, para os presentes autores, a origem seria tupi e deriva-se, provavelmente, de *guiri* (“üi ri”) ou *guri*, que é a mesma palavra usada para *criança*. No sentido botânico, o étimo encerra a idéia de uma planta de caule trepador, como os colmos escandentes ou apoiantes de certas espécies de *Chusquea*. De fato, esse nome aparece como designação popular de *Chusquea capituliflora* Trin., taquarinha escandente do interior das matas primárias densas e de encosta no sul (Smith *et al.* 1981; Schmidt, 2008) e sudeste do Brasil (Santos-Gonçalves *et al.* 2006).

**Pitinga** – Do tupi “pé tinga” (a’ pé = casca, tinga = branca). Refere-se a tabocas e taquaras com colmo esbranquiçado, devido a presença de tricomas claros em sua superfície. Designa taquaras e tabocas finas, de colmos longos, escandentes ou apoiantes. Citado como nome popular da *Chusquea tenella* Nees (Smith *et al.* 1981).

**Putinga** – Provavelmente, trata-se de uma variação fonética de “pitinga” (q.v.). Citado como nome popular de *Chusquea tenella* e de *Chusquea leptophylla* Nees por Smith *et al.* (1981). Topônimo (cidade) no Rio Grande do Sul, onde, possivelmente, havia grandes populações desta planta.

**Taboca** - Palavra tupi-guarani, formada pelos termos “ta” (o advérbio afirmativo “sim”) + “boca” (rachar, fender, rachado, fendido). Existe a variação fonética “poca”, que tem dois significados semelhantes: como verbo “poca” significa estalar, arrebentar, explodir. Como substantivo é o estalo,

estouro ou estampido. Segundo Sampaio (citado por Bueno, 1982, p. 270), *taboca* significa “taquara que estala”. Realmente, é fato conhecido que tanto as tabocas quanto as taquaras, sob ação do fogo, estalam com considerável estampido. Provavelmente também estalam como resposta ao corte com um objeto cortante ou quando a haste cai por motivos mecânicos ou provocados pela natureza (chuvas, ventos, tempestades etc.). As palavras “pipoca” e “pipocar” provêm da mesma raiz (“poca”).

São conhecidos vários tipos de tabocas, tais como “taboca-de-fogo”, “taboca-mansa”, “taboquinha”, designando distintas espécies botânicas (Filgueiras & Santos Gonçalves, 2006). Tais denominações são neologismos, tomando como base, porém, o étimo tupi-guarani.

**Taquara** – É, igualmente, tupi-guarani e, da mesma forma, tem o significado de haste furada, oca (cf. explicação sob **Taboca** q.v.). *Taquá* é sua forma abreviada, com igual significado. Fornece a mesma raiz para palavras como “taquã”, “taconha”, “taquanha”, todos com significado de “piroca” ou pênis. *Taquara* serve de base na formação de uma família de palavras no tupi-guarani, todas com significado diretamente ligado à taquara, como se verá a seguir. A grafia desta palavra variou ao longo do tempo. Já foi grafada como *tacuara*, depois *tacoara* e até *tacoára*. Os dicionários contemporâneos grafam *taquara* (Ferreira 1999 e Houaiss & Villar, 2001).

No tupi-guarani, cada palavra que se forma a partir da matriz “taquara”, assume significado especial pela adição de sufixos ou de outras sutis modificações introduzidas no étimo original indígena. A seguir serão apresentados e discutidos os principais exemplos encontrados nos dicionários e vocabulários correntes, disponíveis no Brasil (cf. Bibliografia).

**Taquara-obi** – Taquara pontuda, aguçada, chuço de taquara. Aqui parece tratar-se não de uma planta, mas de um objeto confeccionado com a haste de uma taquara, com finalidades práticas (cf. “Taquaquicê”, para contraste de formas).

**Taquapembi** – Trançado de taquara, esteira, jirau, aparador. Também aqui, a palavra descreve objetos de uso prático, confeccionados com material de taquara.

**Taquaporu** – O animal [ou verme] que vive na taquara. Aqui aparece importante dado ecológico sobre a interação das taquaras com a fauna silvestre



(cf. “Taquaraçoca”, q.v.).

**Taquaquicê** – A faca de taquara, a taquara que corta como faca. O nome ressalta mais um objeto de uso prático, fabricado a partir da taquara.

**Taquaquicetuba** – Taquaral [bambusal] de plantas cortantes. A palavra é formada por taquá+quicé (= faca) + tyba ou tuba (= sufixo indicativo de abundância) e sugere a ocorrência de uma grande população natural de tabocas. O topônimo Itaquaquacetuba evoluiu na boca dos brasileiros a partir do vocábulo Itaquaquicetuba, onde *ita* = pedra.

**Taquaquitã** – O nó da taquara. Como já dito anteriormente, o corpo vegetativo das taquaras e tabocas é formado por uma haste, segmentada pelos nós, denominada colmo. O espaço entre dois nós consecutivos de um colmo é o entrenó. A região do nó, tecnicamente denominada de “plexo nodal” exhibe morfologia e fisiologia extremamente complexas, por isto é fonte de importantes informações utilizadas na classificação taxonômica das diversas espécies. Os falantes das línguas derivadas do tupi-guarani certamente notaram a importância dessa região do colmo, daí existir um nome especial para designá-la.

**Taquaquitã-nobau** – Canudo de taquara que servia de vasilhame para transporte de água, mel e outros líquidos. Provavelmente eram utilizados, preferencialmente, os colmos das espécies com entrenós maiores e mais grossos, como os encontrados em espécies de *Guadua* Kunth, *Eremocaulon* Soderstr. & Londoño e alguns *Merostachys* Spreng.

**Taquarachim** – Taquara crespa. O nome se refere à superfície do colmo de certas taquaras que são revestidas por tricomas rígidos, que lhes confere uma textura áspera. Encontrada em várias espécies dos gêneros *Aulonemia*, *Colantheria* McClure & E. W. Sm., *Chusquea* e *Merostachys*, além de outras. Nome de uma localidade no Rio Grande do Sul, onde, provavelmente, a planta ocorre ou ocorria.

**Taquaraçoca** - O mesmo que Taquaraporu (q.v.), mas, provavelmente, designava animais distintos encontrados no interior da taquara. Hoje se sabe que uma fauna variada apresenta íntima associação com as tabocas e taquaras no Brasil, vivendo ou se procriando dentro dos colmos. Dentre eles, pererecas, sapos, besouros, formigas e outros insetos (Judziewicz *et al.* 1999). Até pequenas serpentes do tipo cobra-cipó constam das listas de animais que vivem dentro dos colmos destas plantas

(Filgueiras & Londoño, 2006).

**Taquaracê** - Taquara doce, isto é, a cana-de-açúcar. Trata-se, muito provavelmente, de um neologismo, algo forçado.

**Taquarapaba** – Taquaral, lugar das taquaras [*pabé* = ajuntamento, todos juntos, indicando o coletivo]. Conferir Taquaquicetuba (q.v.).

**Taquaratinga** – Taquara branca. Provavelmente se referia a uma taquara ou a taquaras com colmos de aparência clara. Muitas espécies nativas apresentam colmos revestidos de tricomas claros, que lhes conferem uma aparência esbranquiçada, como algumas nos gêneros *Eremocaulon*, *Guadua* e *Merostachys*.

**Taquarapaia** – Esteira feita de taquara, qualquer trançado de taquaras, como balaies, peneiras etc. Aqui também o termo não se refere a uma planta, mas a objetos confeccionados com taquaras, com finalidades práticas.

**Taquarapoca** – Taquara que estala quando cortada ou quando tomba. Aplicável a um grande número de espécies.

**Taquarembó** – Riacho das taquaras. Taquaras dos gêneros *Actinocladum* Soderstr., *Apoclada* McClure, *Aulonemia*, *Colantheria*, *Chusquea* e *Guadua*, além de outros, freqüentemente, crescem ao longo dos cursos de água ou formando “cortina” sobre as margens, resultando em belo efeito ornamental na paisagem natural. Este fenômeno é notável e sua ocorrência não passou despercebida ao olhar indígena de então.

**Taquaretá** – Forma plural de “taquara” [taquaras]. O sufixo “eté” indica o plural.

**Taquararetê** – Taquara legítima ou verdadeira. Provavelmente se referia a uma ou mais espécies de taquaras com colmos e entrenós longos e paredes espessas, como em *Apoclada* e em certas guaduas (*Guadua superba* Huber, *G. magna* Londoño & Filgueiras, *G. chacoensis* (Rojas) Londoño & P. M. Peterson).

**Taquari** – Taquara fina ou de pequeno porte, taquarinha, caniço. O sufixo “i” geralmente indica o diminutivo, mas pode também significar “água”, como em “taquary” (q.v.). Como qualificativo, significa pontudo, narigudo, com ponta ou focinho prolongado e fino. Segundo Alcoforado (1950) também carrega o significado de “haste de cachimbo”. Isto sugere que colmos finos de certas taquaras talvez fossem usados

com esta finalidade. Nome de inúmeros topônimos no Brasil.

**Taquaripará** – Segundo Schaden (*apud* Tibiriçá, 1984), o nome refere-se a uma espécie de taquara fina, de colmo variegado, de cuja casca, os índios Caiová, do sul do Brasil, confeccionavam as cordas do arco de certos instrumentos musicais. São escassas as espécies conhecidas de tabocas ou taquaras nativas com caule realmente variegado. Matizes distintos por vezes aparecem em *Chusquea mimosa*, mas tais colmos não poderiam, tecnicamente falando, serem descritos como variegados. Também *Guadua magna* apresenta colmos com manchas verdes e amareladas (Filgueiras & Londoño, 2006), enquanto que *Guadua angustifolia* var. *bicolor* Londoño, encontrada na Colômbia, apresenta colmos realmente variegados (Judziewicz *et al.* 1999).

**Taquarirama** – Planta semelhante a uma taquara. Existem muitas plantas que apresentam aspecto bambusóide, sem, no entanto, guardar qualquer relação filogenética com os bambus e taquaras verdadeiras. Tais plantas já eram reconhecidas pelos indígenas que as designavam de taquarirama (*rama* = semelhante, parecido). As plantas nesta categoria são tecnicamente denominadas de “mímicos de bambu” por Filgueiras & Santos-Gonçalves (2004) que apresentam uma lista com 13 nomes comuns de tais mímicos, dentre os quais constam espécies de diferentes subfamílias de Poaceae e Areaceae.

**Taquaritiba** ou **Taquarituba** - Localidade com abundância de taquaris. O segundo é nome de um topônimo no Estado de São Paulo. As grafias taquaritiba e taquarituba são intercambiáveis, pois é freqüente o troca de “i” pelo “u” nas transcrições do tupi e do guarani para o português (Bueno, 1982).

**Taquaritinga** – Taquari branco. O sufixo “tinga” significa a cor branca (outros exemplos, “Caatinga” [mata branca], “Taguátinga”, formado por *taguá* [argila] + *tinga* [branca]).

**Taquaruçu** – Taquara grande, com colmos robustos, bambu. Às vezes grafado, erroneamente, “taquarussu” ou “taquarussú”. Designa as maiores tabocas e taquaras do Brasil, dentre elas, seguramente, as do gênero *Apoclada* e *Guadua*.

**Taquary** – Rio das Taquaras. Nome de inúmeros topônimos no Brasil. No tupi-guarani, originalmente, a letra “y” era pronunciada como o “u” francês, segundo Bueno (1982). Daí a diferença

original na grafia de Taquari e Taquary.

O significado dos nomes populares “tagoara” e “tagoaraci”, referidos para a espécie *Guadua trinii* (Nees) Rupr., tratada como *Bambusa guadua* Humb. & Bonpl. por Smith *et al.* 1981) não foram encontrados na bibliografia consultada. No entanto, “tagoara” parece ser uma variação fonética de taquara, enquanto que “tagoaraci” permanece como de origem desconhecida. Porém, o sufixo “ci” [variação gráfica de “cy”] significa “mãe” e entra na composição de vários outros vocábulos, inclusive em “Jacy” [Lua] e “Coaracy” [Sol].

## CONCLUSÕES

São apresentados 34 nomes de origem tupi-guarani que se referem a distintas espécies ou grupos de espécies de tabocas e taquaras (subfamília Bambusoideae, família Poaceae) nativas de diversas regiões do Brasil e também a artefatos e objetos feitos a partir dessas plantas. Os grupos étnico-lingüísticos que nomearam estes vegetais reconheciam os diversos tipos de plantas que modernamente são classificadas em diferentes gêneros e espécies. Esta rica e diversa nomenclatura autóctone reflete o nível sofisticado de conhecimento que esses grupos humanos detinham sobre esses componentes da flora nativa das diversas regiões do Brasil: suas características morfológicas peculiares, seu potencial de uso, seu papel na paisagem, nas interações ecológicas e na vida cotidiana dessas pessoas. Isto é um fato esperado já que língua, meio ambiente e cultura estão intimamente relacionados (Couto, 2007). Portanto, a contribuição desses povos para o conhecimento da flora brasileira, quando ainda nem existia uma nação brasileira, é notável e deve ser reconhecida, enfatizada e valorizada.

As ligações entre as tabocas e taquaras com a história do Brasil são remotas. Na verdade, remontam ao primeiro documento sobre a flora do Brasil, a célebre Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rey Dom Manuel I, o Venturoso. Na Carta, Caminha menciona 45 nomes de plantas. Dentre eles, pelo menos três, seguramente, referem-se a tabocas e taquaras da Mata Atlântica (Filgueiras & Peixoto, 2002). Através dos séculos estas plantas têm fornecido matéria prima para a construção de casas, abrigos, arcos, flechas, facas, cestos, balaios, peneiras, flautas rituais e outros artefatos para o uso diário tanto das populações

autóctones quanto dos habitantes do meio rural e urbano em várias regiões do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFORADO, P.G. **O tupi na geografia fluminense**. Niterói, Sem editora. 1950. 52 p.

BARBOSA, L. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro. Sem editora 1967. 82p.

BUENO, F. DA S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**: vocábulos, expressões da língua geral e científica. Sinônimos, contribuições do tupi-guarani. São Paulo, Saraiva, 1964. 581p.

BUENO, F. DA S. **Vocabulário tupi-guarani português**. São Paulo-Goiânia. Sem Editora, 1982. 581 p.

BURMAN, A.G. & FILGUEIRAS, T.S. A review of the woody bamboo genera of Brazil (Gramineae: Bambusoideae: Bambuseae). **Thaiszia** v.3, p.53-88. 1993.

COUTO, H. H. do. **Ecolingüística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília, Ed. Thesaurus. 2007, 462 p.

CUNHA, A.G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira, 1986. 683 p.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa, 3. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1999. 2128 p.

FILGUEIRAS, T. S. A floração dos bambus e seu impacto ecológico. **Eugeniana**, v.15, p. 1-8. 1988.

FILGUEIRAS, T. S. & PEIXOTO, A. L. Flora e vegetação do Brasil na Carta de Caminha. **Acta botânica brasílica** v. 16, p.263-272. 2002.

FILGUEIRAS, T.S.& LONDOÑO, X. A giant new *Guadua* (Poaceae:Bambusoideae) from central Brazil. In: ALMEIDA, J.G. de & TEIXEIRA, A.A. (orgs.). **Anais. SEMINÁRIO NACIONAL DE BAMBU**:

estruturação da rede de pesquisa e desenvolvimento. Brasília, DF. 2006. P. 27-32.

FILGUEIRAS, T. S. & PEREIRA, B. A. S. On the flowering of *Actinocladum verticillatum* (Gramineae: Bambusoideae). **Biotropica**, v. 20, p. 164-166.1988.

FILGUEIRAS, T. S.& SANTOS-GONÇALVES, A. P. A checklist of Basal Grasses and Bamboos in Brazil (Poaceae). **Bamboo Science and Culture**. V.18, p.7-18. 2004.

FILGUEIRAS, T.S. & SANTOS-GONÇALVES, A.P. Bambus nativos no Brasil: oportunidades e desafios para seu conhecimento. In: ALMEIDA, J.G. de & TEIXEIRA, A.A. (orgs.) **Anais. SEMINÁRIO NACIONAL DE BAMBU**: estruturação da rede de pesquisa e desenvolvimento. Brasília, DF. 2006. p. 33-42.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Rio de Janeiro, Objetiva. 2001. 2922 p.

JANZEN, D. H. Why bamboos wait so long to flower. **Annual Review of Ecology and Systematics**, V. 7, p. 347-391. 1976.

JUDZIEWICZ, E. J., CLARK, L. G., LONDOÑO, X. & STERN, M. American bamboos. Washington, D. C.: Smithsonian Institution.1999. 392p.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa, Ed. Livros Horizonte, 1973. 679 p.

MARTIUS, K. F. **Glossaria linguarum brasiliensium**. Leipzig. 1867. 182 p.

SANTOS-GONÇALVES, A. P., CARVALHO-OKANO, R. M., VIEIRA, M. F. & FILGUEIRAS, T. S. Bambus (Bambusoideae:Poaceae) do Parque Estadual do Rio Doce, MG, Brasil. In: ALMEIDA, J.G. de & TEIXEIRA, A.A. (orgs.) **Anais. SEMINÁRIO NACIONAL DE BAMBU**: estruturação da rede de

pesquisa e desenvolvimento. Brasília, DF. 2006. p. 43-48.

SCHMIDT, R. **A tribo Bambuseae Nees (Poaceae, Bambusoideae) no Rio Grande do Sul, Brasil.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. 137 p. (Dissertação de Mestrado).

SMITH, L. B., WASSHAUSEN, D. C. & KLEIN, R. M. In: REITZ, R. **Flora ilustrada catarinense.** Parte I, fascículo gramíneas. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues”. 1981/82. 560 p.

SODERSTROM, T. R. Observations on a fire-adapted bamboo of the Brazilian cerrado *Actinocladum verticillatum* (Poaceae: bambusoideae). **American Journal of Botany**, v. 68, n. 9, p.1200-1211. 1981.

STADEN, H. **Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil.** Tradução de A. Bojadsen, Porto Alegre: L&PM Pocket. 2008 [original publicado em1557]. 181 p.

TIBIRIÇÁ, L.C. **Dicionário tupi-português: com esboço de gramática do tupi antigo.** Santos, Editora Traço, 1984. 200 p.